

30 outubro 2016 | ano 42 | Tempo Comum, 31 | 1982



Os ÚLTIMOS: uma categoria da humanidade, que deveria ter um lugar de privilégio, terra sagrada, na vida de cada verdadeiro discípulo do Evangelho. Poderíamos arriscar algumas perguntas: vamos ao encontro da sabedoria dos últimos?

Colocamo-los na cátedra, nos nossos conselhos pastorais, nas nossas assembleias eclesiais?

A quem damos voz nos nossos grandes congressos, nas imponentes e faraónicas manifestações eclesiais?

Encontramos presentes os seus rostos? Somos tomados pelo temor

de que, na ausência dos seus rostos, numa medida não indiferente,

Deus também se esconde?

o divino e os rostos dos últimos

O divino e os rostos. Obrigado pela conjunção – pelo "e" da conjunção entre o divino e os rostos. Eu sofri muito, muitíssimo mesmo, pela esquizofrenia de um divino que me era contado como algo à distância do humano, e a sede do rosto de Deus contada como purificação da sede do rosto das mulheres e dos homens do meu tempo, e isso, quando, precisamente, eu me apaixonava cada vez mais. Uma paixão pelos rostos. O cair da noite, incitava-me a escrever:

Os rostos dos amigos são como Terra Prometida: poucos metros de terra preta e fecunda que eu conheço palmo a palmo, como a ramificação das veias duma mão. Os rostos dos meus amigos são como o espelho do tempo. Interrogo-os em silêncio à noite: nos olhos, fixou-se e ainda vive. toda. a aventura de um dia: ainda perseguem incómodas imagens, como beatas que ninguém ousa apagar em cinzas de indiferença. Difunde-se na prega dos olhos a luta dos desesperados, o amor dos tolos, este nosso esperar contra toda a esperança. Nos rostos dos meus amigos, percorro de novo, cada dia, a vereda inquieta das nossas perguntas

sem resposta. Única certeza - entre areias e desertos de escolhas provisórias o Cristo Presença e Ausência, próximo como a carne de um esposo e esperado na noite com tochas que se fatigam ao vento quase como se estivessem prestes a morrer. E nós, amigos? Nós, chamados a arriscar a noite, a decidir no escuro - quando fraca é a luz por um caminho ou por outro. Por que não falas, ó Senhor? Nossa nova condição é não saber e esperar contra toda a esperança. Rostos dos meus amigos rostos sem presunção, imagem da esperança dos tolos. Rostos dos meus amigos,

a terra do amanhã.

A convivência com Paola criava uma conjunção de divino e de rostos. Fascinavame e intrigava-me a imagem de um Deus que se deixava possuir pelo espanto, diante daquilo que Lhe tinha escapado das mãos: "E viu que era bom, belo". Ele, no auge do espanto, quando conseguiu criar um homem e uma mulher: "E viu que era muito bom, muito belo". Parte d'Ele habitava aquele rosto de mulher, aquele rosto de homem, tinha-os criado à Sua imagem, à Sua semelhança. E a palavra

imagem, na língua antiga, não significa uma fotografia, mas a conservação da presença, da presença do divino no rosto.

Às vezes, o fresco falava-nos nas suas cores. Às vezes, infelizmente — e foram séculos! — o fresco era esquecido ou avaliado como sobrecarga. Dias houve em que nos esquecemos do fresco das origens, que falava de rostos habitados. Novos mestres, chamados do espírito, falavam-nos de um Deus por quem nos apaixonarmos, um Deus a contemplar, e de mulheres e homens a relativizar, de quem havia que retirar os olhos.

Também houve dias em que, no seminário – e eu estremecia – me traziam como exemplo de virtude São Luís Gonzaga, pelo fato de não olhar sua mãe no rosto, por ser mulher. Parecia-me pura esquizofrenia. Como se amar a vida fosse retirar algo a Deus. Um desapaixonamento chamado virtude.

Pensava na incarnação. Não era ela a superação da esquizofrenia, entre Deus e o homem? Deus feito homem. Onde encontrar Deus? Onde se foi Ele esconder? Na carne, na história dos humanos. Ele não é contra a vida, Ele está na vida.

Hoje, face à pergunta "onde se foi Deus esconder?", surge no meu coração a indicação de uma preferência urgente, como um aviso. A não esquecer. Sob pena de rompermos o compromisso. Ele já ressoa, insistentemente, no antigo Testamento, em que Deus, em inúmeras páginas, é evocado como o defensor do órfão, da viúva, do estrangeiro, daqueles que trazem escrita na pele uma ausência que grita, ausência de defesa, de afetos, de terra. Deus em harmonia com eles.

Onde se escondeu Deus? Há um conto que aflora ao meu coração, o conto bíblico que narra como Moisés, nos arredores de um monte, para lá do deserto, viu uma sarça que ardia e não se consumia. Moisés aproximou-se, mas Deus falou-lhe a partir da sarça, pedindo-lhe para parar: "Não te aproximes mais! Retira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa!". Deveríamos, portanto, deixar-nos conduzir pela suspeita de que o lugar que pisamos é sagrado, mistura de humano e divino. Onde se escondeu Deus?

Um *midrash* da tradição rabínica, tenta explicar a imagem da sarça que arde e não se consome. Eis como ele a interpreta: "O Santo, bendito seja, disse a Moisés: Não sentes como eu estou possuído pela dor, assim como Israel o está também? Vê de que lugar eu falo contigo: do meio dos espinhos! Por assim dizer, eu compartilho a dor de Israel. É por isso que está escrito (Is 63, 9): Em todas as suas angústias ele foi afligido" (Êxodo Rabá 2, 5).

Onde está o divino, onde se escondeu Deus? Fiel à sua tradição, com o exemplo da sua vida, mesmo antes de nos dirigir as suas palavras, Jesus ensinou onde é que Deus se esconde, hoje em dia, onde é que ele próprio está presente hoje: "Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde vós, abençoados de meu Pai. Recebei como herança o Reino que meu Pai vos preparou, desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e destes-me de comer; estava com sede, e

destes-me de beber; era estrangeiro, e recebestes-me em vossa casa; estava sem roupa, e vestistes-me; estava doente, e cuidastes de mim; estava na prisão, e vós fostes visitar-me. Então, os justos perguntar-lhe-ão: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos visitar-te? Então o Rei responder-lhes-á: Garanto-vos que todas as vezes que fizestes isso ao mais pequeno dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes" (Mt 25, 34-40).

Parece possível entender o porquê da preferência de Deus e, consequentemente, o porquê da opção preferencial pelos pobres — pelos pobres de todas as categorias — a que somos, urgentemente, chamados pela Palavra de Deus. Uma opção a que o Papa Francisco nos chama muitas vezes.

Porquê esta preferência? Não é, certamente, por Deus fazer aceção de pessoas, mas porque, entre esses Seus filhos, Ele vê os rostos violados, profanados, empobrecidos da Sua imagem divina. Há os que têm meios e estratagemas para se defenderem, que têm acólitos e aliados que os defendam. Estes não. É Deus que os defende, defendem-nos os verdadeiros crentes em Deus. E se os seus defensores forem ateus, Deus sente-se defendido por esses próprios ateus. E se os crentes os não defenderem, Deus sente-se abandonado e repudiado pelos crentes. Paradoxos da história!

Há uma conversão a ser realizada. Uma conversão de olhares e de coração. Para quem se dirigem, normalmente, os nossos olhares? Quem ocupa um lugar — e deveria ser um lugar de preferência — nos nossos olhares? E nas nossas assembleias pastorais? E nos nossos programas pastorais? Talvez alguns de nós nos recordemos, emocionados, que a Didascália dos Apóstolos (século III) prescrevia, no capítulo 12, que quem devia acolher os pobres, fossem homens ou mulheres, nas assembleias, devia ser o próprio bispo, e não os diáconos, e que o bispo devia, também, diligenciar um lugar para eles, e, se o não conseguisse encontrar, que devia ceder-lhes o seu lugar, e sentar-se no chão a seus pés. "Será isto um sonho? — Interrogava-se, há já alguns anos, o teólogo Pe. Pino Ruggieri — ou, pelo contrário, não serão, antes, uma traição à eucaristia, aquelas celebrações que repropõem, na disposição dos participantes e no estilo da participação, as hierarquias mundanas, e, também, que cada um se limite a estar, educadamente, por sua própria conta?"

Não é, porventura, verdade que reconsagramos o pão do Senhor, todas as vezes que nos deixamos atrair pelo gesto, o último que o Senhor nos deixou como mandamento, naquela Sua última ceia, o gesto do servo que se inclina para lavar os pés cansados? E, portanto, remetidos, também nós, aos pés empoeirados de fadigas, das mulheres e dos homens com quem caminhamos, no desejo de os levantar dos cansaços, e de os elevar de novo à sua dignidade?

Um olhar de preferência aos seus rostos. Um olhar marcado pela ternura. Porque não basta ver. O sacerdote e o levita da parábola também viram, mas passaram adiante. Ao contrário do samaritano, que viu e sentiu as entranhas revolverem-se dentro de si de compaixão.

Existem modos e modos de ver os sofrimentos da humanidade, e há modos e modos de falar sobre eles, nas nossas homilias e nos nossos encontros. Posso ver e posso falar sem "tocar", sem "deixar-me tocar" por aquilo que vejo, por aquilo de que se fala. Posso olhar e falar com os olhos secos. Ou posso humedecer os olhos. Há um modo distante, profissional, assético de olhar e de falar. Posso olhar a situação como um caso a resolver, como um caso que, se lhe prestar atenção, irá roubar-me tempo, um caso que, de algum modo, me provoca certo desconforto ou me contagia. Há, também, hoje, determinadas categorias que suspeitamos serem contagiosas, que classificamos, sumariamente, como "irregulares", e que trazem feridas devastadoras para a alma, exclusões que constituem mortes civis. Talvez, quem sabe, o sacerdote e o levita tivessem uma pureza a proteger, tendo em vista certas celebrações no templo! Eles tinham uma justificação sagrada para se "voltarem para o outro lado".

Quantas vezes nós não paramos, com o pretexto de uma não oportunidade. Uma não oportunidade, de acordo com as convenções codificadas. Mas uma oportunidade de acordo com o Evangelho. No dia 10 de julho de 2015, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, ao falar de rostos aos movimentos populares Francisco, o bispo de Roma, disse: "Quando olhamos o rosto dos que sofrem, o rosto do camponês ameaçado, do trabalhador excluído, do indígena oprimido, da família sem teto, do migrante perseguido, do jovem desempregado, da criança explorada, da mãe que perdeu o seu filho num tiroteio, por o bairro ter sido ocupado pelo narcotráfico, do pai que perdeu a sua filha submetida à escravidão; quando recordamos esses 'rostos e esses nomes', as nossas entranhas estremecem diante de tanta dor e comovemo-nos... Porque 'vimos e ouvimos' não a fria estatística, mas as feridas da humanidade sofredora, as nossas feridas, a nossa carne. O que é muito diferente da teoria abstrata, ou da indignação elegante. Isto comove-nos, move-nos e leva-nos a buscar o outro, para nos movermos juntos. Esta emoção feita ação comunitária, não se compreende, unicamente, com a razão: ela tem um plus de sentido que só os povos entendem, e que confere uma mística particular aos verdadeiros movimentos populares".

Descobrir o divino nos rostos significa, de certo modo, também, perder-se. Perder-se, contemplando – mesmo que, apenas, através de uma frincha muito fina. Perder-se, contemplando o além que habita os rostos. Algo que excede, algo que constitui a dignidade daquele rosto por vezes oprimido no seu nome, género, idade, categoria, profissão, cultura, religião. Se deixarmos perder os olhos no além que o habita, estaremos a tocar o divino. Um além que se torna alimento

para nós. Muitas vezes, paro para pensar, e também para agradecer por esses rostos. Eles foram a minha riqueza, o meu alimento.

O que sou hoje, em grande parte, o devo a eles, ao além que os habitou. Se nos perdermos nos seus rostos, os crucificados da história, que na melhor das hipóteses, são considerados como objeto a ser cuidado, eles serão arrancados das suas periferias e reencontrarão a dignidade: de objeto, tornar-se-ão sujeitos, protagonistas, portadores de dignidade e de riqueza, criaturas que podem dar, podem hospedar, podem ensinar.

Como não recordarmos aqui a mulher do Evangelho que Jesus, no fim da sua vida pública, nos convida a olhar? Quase como se nos dissesse: "Olhem para ela, aprendam com ela". É intrigante pensar que, no fim do Evangelho, Jesus deixa como herança um rosto. De uma mulher, viúva e pobre. Na sua pobreza, ela deixou escapar duas moedinhas para o tesouro do templo, era o que lhe restava para viver. E Jesus coloca-a numa posição de destaque, enquanto derruba outros das suas solenes e altivas cátedras; ele tinha acabado de dizer: "Tenham cuidado com os doutores da Lei. Gostam de andar com roupas compridas, de ser cumprimentados nas praças públicas; gostam dos primeiros lugares nas sinagogas, e dos lugares de honra nos banquetes. No entanto, exploram as viúvas e roubam-lhes as casas, e para disfarçar, fazem longas orações. Por isso, vão receber uma condenação mais severa" (Mc 12, 38-40).

Do Evangelho nos vem a advertência: reconduzir da terra do exílio, aonde foram deportados, das periferias da sociedade, onde foram marginalizados, dos silêncios em que foram calados, os últimos da terra. Os últimos que, para o Evangelho, são os primeiros: nisto consiste a revolução do Evangelho, negada ou incompleta. Os últimos que Jesus defendeu, à custa da sua morte, restituindo-lhes aquela dignidade de que, muitas vezes, eram ilegalmente expropriados. Os últimos, os esquecidos, engolidos, pelas névoas da nossa galopante indiferença, nas nossas enregelantes leis de exclusão, exclusão ilegal em humanidade.

Os últimos, uma categoria da humanidade, que deveria ter um lugar de privilégio, terra sagrada, na vida de cada verdadeiro discípulo do Evangelho. Poderíamos arriscar algumas perguntas: vamos nós ao encontro da sabedoria dos últimos? Colocamo-los na cátedra nos nossos conselhos pastorais, nas nossas assembleias eclesiais? A quem damos voz nos nossos grandes congressos, nas imponentes e faraónicas manifestações eclesiais? Encontramos presentes os seus rostos? Somos tomados pelo temor de que, na ausência dos seus rostos, numa medida não indiferente, Deus também se esconde?

Uma revolução? Incompleta ou nem sequer iniciada? Entreveem-se inícios – e nem sequer tão tímidos, no alto, que mais alto não se pode –, quase como um sinal para toda a Igreja e não apenas para a Igreja. Talvez estas minhas palavras – as minhas muitas palavras – possam, eficazmente, ser encerradas numa única

imagem, a do grupo dos cento e cinquenta sem abrigo que visitaram os Museus do Vaticano e a Capela Sistina no dia 26 de março de 2015, a convite do Papa Francisco. Oferecer uma jantarada, de acordo! Mas oferecer uma visita aos museus e à Capela Sistina, com guias especializados? É um gesto que reivindica dignidade de olhos e de inteligência para os chamados "mendigos". Dignidade, inteligência, capacidade de apreciar a beleza, um rosto!

Surpreendentemente, o papa surgiu a meio da visita, apertou a mão a cada um deles, e disse-lhes: "Bem-vindos. Esta é a casa de todos, é a vossa casa. Estas portas estão sempre abertas para todos". Os seus olhos! Os seus olhos enquanto os olha! Ele vê-os como que perdidos num ícone, quase como se estivessem no limiar. No limiar do divino. Um convite a uma pausa.

A reflexão é do teólogo e padre italiano **ANGELO CASATI**, em artigo publicado na revista **Esodo**, n. 4, de dezembro de 2015.

SOBRE A MORTE E O MORRER,

por Walter Osswald

N OS ÚLTIMOS ANOS, FILÓSOFOS E OUTROS PENSADORES JUNTAM-SE AOS profissionais de saúde para, conjuntamente, debaterem temas que têm provocado acesa polémica particularmente nas sociedades ocidentais: a extensão da eutanásia, o direito de dispor da vida escolhendo o modo de morrer, os conteúdos do chamado testamento vital, essencialmente.

O professor **WALTER OSSWALD** tem pergaminhos na Bioética, foi reputado professor e distinguiu-se nas investigações em Farmacologia e Terapêutica. O estudo do processo de morrer é-lhe caro, tal como os cuidados paliativos, a dor, a perda e o sofrimento, o suicídio assistido e a eutanásia. Neste livro "SOBRE A MORTE E O MORRER", das edições populares da **Fundação Francisco Manuel dos Santos**, WALTER OSSWALD discorre recorrendo à forma de ensaio onde também têm acolhimento as suas observações em torna da espiritualidade, as noções da "arte de morrer" e da boa morte.

Desde a aurora da civilização que descobrimos que a morte é inelutável; a morte é certa, a hora incerta. Daí a representação da morte nas artes, na religiosidade, nos estilos de vida, na literatura, no pensamento filosófico. A preparação para a morte, observa o autor, torna mais fácil lidar e superar o sofrimento, a morte e o luto dos sobreviventes. A civilização do consumo, passados os horrores da II Guerra Mundial, procura ocultar a morte, torna-a inaparente e escusa. No passado, acompanhar o morto à sua última morada, era um ato normal. Atualmente, passou a ser frequente não se noticiar a morte de uma pessoa, há maior sobriedade nas

manifestações. Parece que se caminha para o desaparecimento da experiência da morte, ela é retirada do meio social e marginalizada. No entanto, basta acompanhar o que vem nas redes sociais, os depoimentos sobre entes queridos depositados em lares onde se finam em escandaloso isolamento. Nas últimas décadas, porventura decorrente do envelhecimento das populações, estuda-se o processo de morrer, sugere-se maior liberalidade para a regulamentação da morte assistida e da eutanásia.

O professor OSSWALD começa por interpelar o que é a morte, a noção de morte cerebral ou do tronco cerebral e recorda a importância da participação de outros na morte de cada um para reduzir a expressão da morte solitária na frieza assética de uma cama hospitalar. Discorre onde e como se morre em Portugal e considera que a solução mais apropriada passa por três vetores: morte no domicílio, quando se tenha condições e exista acompanhamento por uma equipa de saúde; "regularização" através da instalação de uma cultura de hospitalidade e humanização; acolhimento dos doentes em unidades de cuidados paliativos.



Observa a utilidade dos cuidados paliativos e o modo como estes devem estar organizados, impõe-se o modelo para a sua inclusão no SNS, já que não se pode fugir ao reconhecimento de que todos têm direito a cuidados de saúde. Levanta a questão de quem deve cuidar do cuidador, mesmo nos serviços de cuidados paliativos ocorre frequentemente o risco da exaustão ou burnout.

Falando da dor e sofrimento, recorda que além de haver necessidade de combater a dor é também importante conseguir a ajuda da família: a aliança entre equipa de cuidadores, doente e família é a essência dos cuidados paliativos.

Seguidamente o autor debruça-se sobre a necessidade do luto, este implica a experiência do sofrimento, da dor moral, da privação consequente à perda. Refletindo sobre o testamento vital, refere aspetos pouco claros da legislação alegando que o legislador quis evitar que a obediência ao disposto no testamento vital conduzisse à eutanásia, e tece a sua crítica: "Estes pontos merecem reflexão, pois a ambiguidade na formulação legal gera fatalmente conflitos, devido a interpretações divergentes no texto da lei". Considera que este documento deve ser de natureza indicativa, e que permite conhecer as escolhas e opções filosóficas e/ou religiosas do declarante, e o médico tê-las-á em conta no seu agir.

Críticas maiores vão para o suicídio assistido e a eutanásia que ele claramente repudia, contrapropondo com a boa morte e recordando que a esmagadora maioria da população mundial se identifica com uma religião. Em jeito de conclusão dirá que "o desafio é de propiciar condições para que cada um possa viver a sua morte de modo que ela seja um momento culminante da sua vida, uma boa experiência". E renova a necessidade da implantação e rápida expansão de cuidados paliativos, enfatizando que o princípio básico de não acelerar nem retardar a morte natural é observado nos cuidados paliativos.